

**FOLCLORE E TECNOLOGIA: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS NA FORMAÇÃO  
EXTENSIONISTA DE LICENCIANDOS DE DANÇA E EDUCAÇÃO DO CAMPO**

SABRINA MARQUES MANZKE<sup>1</sup>; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA<sup>2</sup>;  
THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – bitamarques@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – rosemiranda.educampoufpel@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – thiagoufpel@gmail.com

Cada vez mais as pessoas tem feito uso das tecnologias digitais como forma de estudo, pesquisa e comunicação. A infinidade de possibilidades que essas tecnologias criaram nos processos de ensino e aprendizagem potencializaram as ações de diversos segmentos da sociedade e, principalmente, de docentes, que, conectados com os avanços da sociedade, incorporaram novas formas de pensar metodologicamente para atuar com nativos digitais.

O presente trabalho aborda algumas das estratégias do Núcleo de Folclore da UFPel (NUFOLK) para tratar o uso de ferramentas digitais para trabalhar com temática do Folclore com acadêmicos presenciais e a distância e com a comunidade.

O NUFOLK é um espaço que se caracteriza pela investigação e difusão das expressões folclóricas nacionais, que por entender que a formação contínua é imprescindível para uma abordagem do folclore que não seja apenas de iniciativas pontuais, mas uma prática educativa constante, se articula com diversos projetos parceiros como o Projeto de Ensino Laboratório de Artes Populares Integradas e o Grupo de Pesquisa Observatório de Culturas Populares (UFPel/CNPq).

Neste movimento de produção e socialização do conhecimento a tecnologia tem se constituído em ferramenta fundamental de acesso aos temas folclóricos por parte da comunidade e, de modo especial, oferecido aos alunos de licenciaturas (mais diretamente os Cursos de Dança e Educação do Campo) como uma possibilidade formativa extensionista que é suplementar ao que é oferecido curricularmente no âmbito das disciplinas dos referidos cursos. No presente trabalho, citamos uma dessas experiências formativas na área do folclore que tem a tecnologia como mecanismo fundamental de difusão e mediação: a oficina de dança folclórica on line sobre Samba de Roda, realizada durante a Semana do Folclore de 2015. É importante destacar que tal atividade teve uma repercussão e abrangência extremamente significativas, uma vez que permitiu aos alunos dos cursos mencionados tanto interagirem entre si (em polos e cidades diferentes do RS) quanto experimentarem o uso das tecnologias de Educação à Distância em seu processo formativo enquanto futuros licenciados.

Além da pesquisa teórico-prática que já vinha sendo realizada sobre a temática do samba de roda, alguns aprofundamentos foram necessárias para que a oficina on-line ocorresse. Entre eles o entendimento, pelos alunos responsáveis por ministrar a oficina, da abordagem imagética para o aprendizado, e neste caso, também a divulgação e difusão do folclore.

Walter Benjamin, citado por Gonçalves (2008, p. 135), dizia que “a questão central não era de como o homem se representaria diante da câmera mas o modo que representa o mundo com a câmera”, e continua acentuando que “a compreensão de cada imagem é condicionada pela sequência de todas as

imagens anteriores”. Sendo assim, foi necessário que os alunos ministrantes, todos licenciandos em dança, precisassem organizar um roteiro, que seria como o “plano de aula”, o que de certa forma aproximou a experiência docente presencial desta nova estratégia que estava sendo adotada para uma aula prática de dança, com uma realidade fílmica.

O roteiro da aula on-line foi dividido em três partes: contextualização da manifestação samba de roda, breve preparação corporal e técnica (onde já foram trabalhados os passos básicos da dança) e composição coreográfica (onde foi ensinada passo a passo uma coreografia).

### **Oficina on-line de Samba de Roda**

Começamos pensando na manifestação do samba de roda e suas diferentes variações. Segundo o Dossiê IPHAN (2006), encontramos o samba de roda em todo o estado da Bahia, mas é no Recôncavo Baiano que se dá com maior predominância. Isto se deve muito a importância na formação política, social e econômica que a região tem para o estado da Bahia. Do Recôncavo, ainda de acordo com o Dossiê, parte também as principais referências culturais e artísticas que acabam por constituir o ethos atribuído, dentro e fora do estado, ao povo baiano. Dependendo do local e época em que o samba de roda acontece, é marcada a diferenciação dos estilos.

O samba de roda não necessita período ou lugar exclusivo para acontecer. Está nas ruas, becos e em inúmeras ocasiões que se fizer possível. Porém, em algumas festividades ele é indispensável como as festas tradicionais religiosas, que na Bahia, incluem tanto o catolicismo quanto as religiões afro-brasileiras, além de ternos de reis, bumba-meu-boi e, também, no carnaval. Manifestação musical, coreográfica, poética e festiva, a disposição de seus participantes é em círculo ou formato aproximado, por isso o nome samba de roda. Os instrumentos musicais característicos são os tambores, pandeiro, a voz e em determinados ambientes também a viola, neste caso a machete. Além disso, seus participantes acompanham cantando em coro e marcando a cadência com palmas. Seu caráter é inclusivo e mesmo que alguém esteja ali pela primeira vez pode participar cantando, com palmas e até mesmo se houver oportunidade entrando na roda e dançando. Porém, como acima citado, ele não é uma expressão única e simples, existem várias modalidades que possuem técnicas, estilos, escolas e influências diferentes.

O Dossiê IPHAN (2006), estabelece dois grandes tipos: o nativo, mais recorrente em todo o recôncavo, chamado de samba corrido; e o samba chula, que é um tipo que se encontra em algumas regiões e ainda, entre elas, pode ter pequenas variantes. Este também pode ser encontrado com os nomes de samba de parada, amarrado ou de viola. As principais diferenças entre os tipos de samba é a relação estabelecida entre a dança e a música. De forma resumida pode-se dizer que no samba chula, a dança e o canto nunca acontecem ao mesmo tempo, (...) enquanto no samba corrido, ao contrário, dança, canto e toques acontecem simultaneamente. (...) no samba chula apenas uma pessoa de cada vez samba no meio da roda; enquanto no samba corrido podem sambar uma ou várias pessoas ao mesmo tempo no meio da roda (IPHAN, 2007).

Após a breve contextualização, os participantes da oficina foram convidados a experimentarem na prática a atividade que estava sendo proposta. Diferente de uma vídeo-aula onde o expectador interessado pode acessar àquele conteúdo em qualquer horário, esta oficina foi oferecida em horário específico,

onde os alunos – ministrantes e expectadores – puderam interagir simultaneamente. Assim, enquanto os alunos da dança iam propondo as diversas movimentações – aquecimento corporal, passo básico do samba de roda, variações deste passo, e entre outros – os alunos da Educação do Campo, experimentavam em “tempo real”.

Ao final, os ministrantes, que também são bailarinos de danças brasileiras, ensinaram uma coreografia criada para a Abambaé Companhia de Danças Brasileiras (parceira do NUFOLK), que faz uma releitura da manifestação do samba de roda do Recôncavo Baiano.

A repercussão e abrangência desta experiência inicial com as tecnologias à favor da educação, visto que até então já havíamos realizado web-conferências mas nunca uma aula prática utilizando estas ferramentas, foram extremamente satisfatórias. Para os alunos que ministraram a oficina, além da importância de dar uma aula, tiveram a possibilidade de serem desafiados a propor uma atividade diferente, aproximando suas práticas da modernização constante que encontramos nos dias de hoje, e que serviu para mostrar que estas ferramentas estão aí para dar suporte e ser mais uma estratégia de ensino, e no caso do projeto em questão, uma ótima ferramenta de difusão do folclore. Para os alunos e professores que participaram como público da oficina foi uma experiência diferenciada, pois puderam experimentar uma aula prática, independente do local de onde estavam acessando o conteúdo.

É importante ressaltar que a Semana do Folclore, que ocorre anualmente, é uma atividade de extensão que abrange não somente a universidade, mas a comunidade escolar da rede básica, além de aberta ao público em geral. Esta atividade que fez parte da programação foi acompanhada por professoras das escolas públicas de Pelotas, Livramento, Sobradinho, São José do Norte e Hulha Negra. Foram estas professoras que mais aproveitaram a possibilidade de acompanhar a oficina digital, visto que os alunos da Educação do Campo já haviam experimentado algumas abordagens com este tipo de ferramenta.

Novas oficinas e web-conferências já estão sendo programadas como recursos formativos extencionistas, com o objetivo de oferecer diferentes conteúdos relacionados ao folclore para a formação suplementar aos alunos destes cursos de licenciatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO. Comissão Nacional de Folclore. VIII Congresso Brasileiro de Folclore. 12 a 16 de dezembro de 1995. Salvador, Bahia: [s.e.], 1995. FERNANDES, Florestan. In: **O folclore em questão**. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. **Dança, Brasil! Festa e Danças Populares**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

DOSSIÊ IPHAN – **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília, DF: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2006.

GONÇALVES, Marco Antônio. Ficção, imaginação e etnografia: a propósito de 'Eu, um negro'. In: **O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008. p. 94-155.

ROJO, Roxane. **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1ªed. São Paulo: Parábola, 2013.